



Apontamentos sobre os intelectuais e a escola de Gramsci¹

Daniela Motta de Oliveira²

Resumo

Neste texto procuramos apresentar, de forma sucinta, a concepção do filósofo italiano Antonio Gramsci sobre os intelectuais e a sua função na sociedade; em seguida, buscamos mostrar o papel da escola na formação dos intelectuais para a reforma moral e intelectual proposta pelo autor, com destaque para a atualidade do seu pensamento.

Palavras-chave: intelectuais - escola - filosofia da práxis

Abstract

In this paper we try to present in a summarized way, the concept of the Italian philosopher Antonio Gramsci about the intellectuals and their role in society; then, we tried to show the role of the school in the formation of intellectuals to the moral and intellectual reform proposed by the author, emphasizing the modernity of his thought.

Key-words; intellectuals - school - philosophy of praxis

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos. Foi escrito com base no texto final apresentado pela autora como conclusão da disciplina "O Pensamento Político e Filosófico de Antonio Gramsci", no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF.

² Professora do Departamento de Matemática do C.A. João XXIII; Doutoranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF.

Introdução

[...] não se pode ser filósofo - isto é, ter uma concepção do mundo criticamente coerente - sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções (Gramsci. C.C.1.: 95).

Ao tentar verificar em que medida as reflexões de Antônio Gramsci, contidas nos Cadernos do Cárcere³, podem contribuir para o entendimento dos problemas educacionais que enfrentamos, no atual momento brasileiro, surpreende-nos a atualidade e relevância de seu pensamento.

Em primeiro lugar, pela apreensão que Gramsci faz da teoria marxista, não como doutrina, mas como método de apreensão do real, como um sistema de pensamento. Dessa forma, para ele, a “filosofia da práxis” é uma teoria completa, que não se subordina a outra filosofia. Nas palavras de Gramsci, “Se a filosofia da práxis é pensada apenas como subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa” (C.C.1.:143), e ainda, “[...] a grande conquista da história do pensamento moderno, representada pela filosofia da práxis, é precisamente a historicização concreta da filosofia e sua identificação com a história” (C.C.1.: 144).

Em segundo lugar, pela atualidade de seu pensamento. Ao explicar o método marxista de análise da realidade social, Gramsci formulou categorias que se revelaram eficazes para o entendimento do momento em que vivia; categorias estas que, se aplicadas ao momento atual, demonstram a sua validade.

Embora já tivesse escrito inúmeros artigos para a imprensa operária, informes para o Partido, entre outros documentos e registros, foi ao ser preso pelo regime fascista de Mussolini, em 8 de novembro de 1926 e condenado a mais de 20 anos de prisão, que Gramsci escreveu os textos mais importantes de sua produção intelectual (Bottomore, 2001; Coutinho, 2004; Nosella, 1992). No cárcere, Gramsci escreveu 33 cadernos, abordando diferentes temas e, muitas vezes, anotando em vários cadernos ao mesmo tempo; além disso, redigiu várias versões sobre o mesmo tema. Por estas razões, os Cadernos não foram escritos numa seqüência linear e cronológica.

A edição brasileira dos Cadernos do Cárcere, elaborada por Coutinho (2004) foi baseada na edição de Valentino Gerratana, que se empenhou em encontrar, para eles, uma datação o mais exata possível.

O ponto de partida dos escritos no cárcere foi o estudo da função política dos intelectuais: em suas palavras, o primeiro tema a ser estudado seria uma “pesquisa sobre os intelectuais italianos, suas origens, seus agrupamentos segundo

³ Sempre referido, nas citações, como C.C. 1 ou 2, que correspondem aos volumes 1 e 2 da edição brasileira dos Cadernos do Cárcere.

as correntes culturais, seus diversos modos de pensar, etc” (C.C. 1.: 77). Gramsci percorre a questão dos intelectuais porque, para ele, intelectuais são aqueles que dirigem, são os organizadores da sociedade. Preocupava-se, portanto, em analisar como os intelectuais, enquanto grupo, relacionavam-se com a massa e com o desenvolvimento de uma cultura nacional popular (Bottomore, 2001).

Se, num primeiro momento, Gramsci atribui ao Partido a função de formar dirigentes para o futuro “Estado Proletário” (NOSELLA, 2004), também não se esqueceu do importante papel da escola para a “elevação cultural das massas, e até mesmo como agência formadora dos intelectuais que nela atuam” (Gramsci, C.C.2.: 19).

Para Gramsci, criar uma nova cultura era fundamental; por isso, a escola deve difundir verdade para construir uma nova cultura, verdades que se tornem base da ação vital, de forma a tornarem-se normas de conduta.

Entender a escola, não nos marcos das teorias reprodutivistas, nas quais se verifica a submissão da instituição escolar aos limites da escola reprodutora de uma ideologia dominante, mas numa perspectiva dialética, não é tarefa a ser executada sem se compreender seu caráter contraditório. Concordamos com Gramsci que a crise da escola só será superada ao se constituir uma “escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual” (C.C.2.: 33); no entanto, sabemos também que Gramsci concebia a história como possibilidade, daí decorrendo que será a história quem mostrará o caráter da escola, se conservadora ou transformadora.

Nesse texto, procuraremos entender qual é a concepção de Gramsci sobre os intelectuais e a sua função na sociedade; em seguida, buscaremos mostrar o papel da escola na formação dos intelectuais para a reforma moral e intelectual, proposta por Gramsci.

Todos os homens são filósofos

A preocupação expressa por Marx (2002) de definir o homem, em sua historicidade, como ser constituído pelo e através do trabalho – não como “processo de auto-alienação do homem” (id., p.84) –, mas como uma atividade intelectual, criadora, decisória e dirigente na cultura urbano-industrial, encontra no pensamento de Gramsci grande destaque para a dimensão intelectual do trabalho humano.

As referências aos intelectuais, bem como às questões educacionais e à escola, estão presentes nos Cadernos. Mas será nos Cadernos II – Introdução

ao Estudo da Filosofia, e 12 – Os Intelectuais e o princípio educativo⁴, onde Gramsci irá aprofundar a sua concepção de intelectual e sobre a escola, sendo estes, portanto, as principais referências utilizadas nesse texto.

Ao longo dos seus cadernos, constatamos a defesa intransigente da filosofia da práxis⁵ como a verdadeira concepção científica da realidade, e o ponto de partida para a construção de uma nova ordem política. Sendo assim, a filosofia da práxis seria a base filosófica para a construção da nova cultura⁶, pois, segundo o autor, todas as filosofias deixaram a massa à parte. O marxismo seria, portanto, a primeira tentativa de elevação das massas, na construção de uma nova intelectualidade.

Para mudar a concepção de mundo, não são suficientes as transformações econômicas, mas também a realização da dimensão político-cultural, através da realização plena da existência humana.

Enfatizando o trabalho como fonte de valor não somente no aspecto econômico, mas também intelectual, Gramsci mostra que, mesmo na produção taylorista-fordista o homem desempenha uma função intelectual criadora: “Não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*” (C.C.2.: 52-53).

Assim, ao afirmar que “todos os homens são filósofos” (C.C. 1. p.93) ou ainda que “todos os homens são intelectuais [...] mas nem todos os homens desempenham, na sociedade, a função de intelectuais” (C.C.2.:18), demonstra a necessidade de realização da dimensão intelectual para que uma sociedade humana possa se denominar realmente como tal, na qual as relações sociais (incluindo-se as relações de produção) coadunam-se com a realização do projeto humano. Isto porque Gramsci concebe o ser humano como projeto, como processo: “O homem é um processo, precisamente o processo de seus atos” (C.C.1.: 412). Em outras palavras, o homem transforma a si mesmo na medida em que transforma e modifica o conjunto das relações do qual ele faz parte (C.C.1.: 413).

Segundo Gramsci, ser filósofo significa “ter uma concepção do mundo criticamente coerente” (C.C.1.: 95), tendo consciência da própria historicidade e das suas relações sociais. Por isso, para o autor, a noção de intelectual está sempre relacionada a um grupo social: “pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir [...] somos sempre homens-massa ou homens-coletivos” (C.C.1.: 94).

Isto porque Gramsci considera intelectuais não apenas aqueles que se dedicam a atividades literárias e filosóficas ou que exercem, na sociedade, a

⁴ Na edição utilizada para este estudo, esses cadernos estão nos Volumes 1 e 2 respectivamente.

⁵ Gramsci refere-se ao materialismo histórico como “filosofia da práxis” que, para ele, é a única filosofia de massa. Ao superar, individualmente, o senso comum, o indivíduo aceita uma nova filosofia (C.C.1.:116).

⁶ Cultura, em Gramsci, refere-se a orientação para prática, para formação de normas de conduta, organização.

função de intelectuais, chamados *intelectuais tradicionais*, comprometidos com uma tradição que remonta a um período mais amplo.

Para o autor, intelectuais são também os que, nas relações sociais, desempenham a função de manter a formação social vigente, difundindo e legitimando seus respectivos valores, práticas sociais, atividades produtivas. Os *intelectuais orgânicos* da burguesia, que surgem no capitalismo moderno (tais como os dirigentes e técnicos da grande empresa) se contrapõem aos intelectuais tradicionais, que possuem uma relação mediata com o mundo da produção.

A grande tarefa a qual Gramsci se dedica é a produção de intelectuais orgânicos do proletariado, que seriam aqueles que, na luta pela hegemonia⁷, buscam instaurar uma nova concepção de mundo, difundindo-a na sociedade, gerando uma nova consciência política e a base social para um novo modelo. Esta não é uma tarefa simples, e Gramsci destaca que, cada nova classe social não apenas elaboraria seus intelectuais orgânicos como buscaria assimilar os intelectuais tradicionais, em favor da construção ou conservação da sociedade.

Ao buscar entender a função e a importância dos intelectuais, na Itália meridional, Gramsci mostra a necessidade de se criar os quadros necessários para a superação do capitalismo. Esta importante tarefa se coloca porque Gramsci considera que o papel dos intelectuais é o de ser organizador e dirigente, determinar e organizar a reforma moral e intelectual, adequar a cultura à função prática. “Uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se (em sentido lato)”, escreve Gramsci, “e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica” (C.C.I.: 104).

Para Marx, o capitalismo nada mais é do que um modo de produção da existência humana; Gramsci refina essa formulação para dizer que, pela especificidade assumida, o capitalismo se constitui numa forma cultural. É nessa perspectiva que a cultura assume um sentido amplo, referindo-se a forma coletiva e predominante de sentir-pensar-agir no mundo, construída historicamente pelas lutas entre capital e trabalho.

Dessa maneira, se a cultura se forma a partir das relações sociais gerais e de produção, conduzido por uma determinada direção moral, intelectual e política (hegemonia) de uma classe sobre o conjunto da sociedade, torna-se fundamental a existência de intelectuais, de diferentes níveis para auxiliar na construção e aperfeiçoamento da hegemonia burguesa ou contestação e construção de uma contra-hegemonia.

⁷ O conceito de hegemonia tem papel fundamental na teoria de Gramsci. Segundo o autor, uma classe mantém seu domínio não apenas através da coerção, mas exercendo uma liderança intelectual e moral, bem como fazendo concessões a um bloco social de forças, o *bloco histórico*.

É a filosofia da práxis que poderá conduzir a massa a uma “concepção de vida superior” (C.C.1.:103), sendo, portanto, imprescindível o contato entre os intelectuais e os simples, de forma a “forjar um bloco intelectual-moral” que torne possível o avanço de um novo projeto de sociedade.

O papel da escola na formação do intelectual

Ainda que Gramsci considere o partido como instrumento privilegiado para a formação dos intelectuais, que serão os dirigentes e organizadores da reforma intelectual e moral, a escola tem um papel fundamental para esta finalidade, já que é na escola, enquanto espaço de luta de classes, que se dá a formação para o trabalho e também para a cidadania. O desenvolvimento da escola indica a importância assumida, no mundo moderno, pelas categorias e funções intelectuais. Assim,

a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a “área” escolar e quanto mais numerosos forem os “graus” “verticais” da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado (C.C.2.:19).

Em outras palavras, Gramsci, ao ressaltar o caráter político dos intelectuais, chamando a atenção do seu papel para a construção da hegemonia social e o relevante papel da escola na vida moderna, reconhece que “cada atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas, de nível mais elevado, que ensinem nestas escolas” (C.C.2.: 32).

A importância da educação para a elevação cultural das massas é analisada por Gramsci, que situa a crise da escola tradicional, no momento vivido por ele. A industrialização foi responsável pela criação da nova escola, *imediatamente interessada*, de caráter profissionalizante, “nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados” (C.C.2.: 33).

Gramsci é enfático ao assinalar o paradoxo entre o surgimento das escolas de tipo profissional e o seu comemorado aspecto democrático, quando na realidade tal escola não apenas perpetua as diferenças sociais, como também as cristaliza. Para o autor, a escola tradicional, embora oligárquica porque objetivava formar os novos dirigentes, não era oligárquica pelo seu modo de ensino: na realidade, escreve Gramsci,

Não é a aquisição de capacidades de direção, não é a tendência de formar homens superiores que dá a marca social de um tipo de escola. A marca social é dada pelo fato de que cada grupo social tem um tipo de escola próprio, destinado a perpetuar nestes estratos uma determinada função tradicional, dirigente ou instrumental (C.C.2.: 49).

Ainda que, para Gramsci, a escola humanista, tradicional, seja uma escola *desinteressada*, na qual não exista relação entre o que se aprende e o modo de produção, escola essa destinada às elites, àqueles que não devem pensar em preparar-se para o trabalho, o autor não despreza esta formação que privilegia a cultura geral e formativa (C.C.2.: 33). Para Gramsci, a solução para o problema da escolarização da massa está em se criar um único tipo de escola, que forme o jovem como pessoa capaz de “pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (C.C.2.: 49). Assim, a escola de Gramsci deve ser *interessada*: é a escola única, de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre teoria e prática. Em suas palavras, “o advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial, não apenas na escola, mas em toda vida social” (C.C.2.: 40).

A escola unitária, universal, deve ser mantida pelo Estado: “a inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abarcar todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas” (C.C.2.: 33). Esta, sim, uma escola verdadeiramente democrática.

Para desempenhar a função de escola para o povo, Gramsci coloca, entre outros destaques, a questão do corpo docente: preocupa-se com ampliação do número de professores, a fim de tornar a relação professor/aluno mais direta. Ao mesmo tempo, estende a preocupação para a formação desses professores: Gramsci sinaliza que a consciência individual das crianças é o reflexo das relações sociais, apontando também o antagonismo entre as relações sociais e culturais da maioria das crianças e aquelas refletidas nos currículos escolares. Sobre a relação entre instrução-educação, o autor diz que

somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o professor é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura, que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; e é também consciente de sua tarefa, que consiste em acelerar e disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior (C.C.2.: 44).

Se o professor for deficiente, continua, e esta relação entre instrução-educação for desprezada em favor do que ele chama de “esquemas abstratos nos quais se exalta a educatividade” (C.C.2.: 44), a escola será retórica e sem seriedade. Para Gramsci,

Na realidade, um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos; ele desenvolverá, com escrúpulo e consciência burocrática, a parte mecânica da escola, e o aluno, se for um cérebro ativo, organizará por sua conta, e com a ajuda de seu ambiente social, a "bagagem" acumulada" (grifos do autor. C.C.2: 45).

Em síntese, Gramsci rompe com o entendimento de que os intelectuais constituem um grupo em si, e mostra a centralidade dos intelectuais no mundo moderno. Para formar a nova sociedade, defende o rigor científico, a escola, ao mesmo tempo em que demonstra que o desenvolvimento de uma reforma moral e intelectual só se dará no âmbito das lutas de classe, à medida que se elevam intelectualmente as massas.

Reportando-se a Marx, Gramsci descreve pedagogicamente as estratégias necessárias para essa mudança de concepção de mundo, apontando duas necessidades: a primeira, repetir sempre os mesmos argumentos, variando a forma; a segunda, "trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para se tornarem seus 'espartilhos'". Esta segunda necessidade "é a que realmente modifica o "panorama ideológico" de uma época" (C.C.1: 110).

Finalmente, Gramsci vai enfatizar o papel da educação técnica no mundo moderno, que deve constituir a base do novo tipo de intelectual, que deve ser "dirigente (especialista+político)" (C.C.2: 53).

Gramsci: um homem de seu tempo

Embora muito atual, o pensamento de Gramsci não pode ser transposto linearmente para os dias de hoje, mas sim, servir de suporte para compreendermos as mudanças necessárias na sociedade e na escola. O próprio Gramsci, nas suas Cartas, escritas do cárcere para a família, expressa suas preocupações a essa leitura do mundo, reconhecendo que a educação, a escola, os currículos, os instrumentos didáticos devem mudar com o passar dos anos, uma vez que são realidades históricas concretas e não metafísicas (NOSELLA, 2004: 120-121). Dessa forma é que compreendemos a sua tese central para a educação, ou seja, como uma realidade histórica concreta, portanto, mutável.

A partir desse ponto de vista, não se pode deixar de lado uma importante dimensão a ser considerada, ao estudarmos os escritos de Gramsci: ele foi, fundamentalmente, um homem de seu tempo, pensando e escrevendo sobre a Itália do início do século XX, observando o início do taylorismo-fordismo. No entanto, uma vez que Gramsci entende a história como possibilidade, seus escritos expressam o seu olhar e a sua capacidade de antever os desdobramentos do capitalismo.

Embora não tenha traçado um perfil de intelectual para "todo o sempre",

já que sua referência estava na história, fica claro que o grande compromisso político dos intelectuais está ligado não às instituições estabelecidas, mas a um projeto amplo de sociedade democrática. A questão do trabalho não se inseria apenas no âmbito da produção, mas também na escola: trabalho como princípio educativo, como base para a busca da liberdade, liberdade histórica que só ocorrerá com o efetivo desenvolvimento intelectual das massas. No dizer de Gramsci, é necessário que a filosofia da práxis se torne senso comum para a classe trabalhadora, ou seja, que exista uma outra forma de pensar e agir na sociedade, a partir da classe trabalhadora (C.C.1: 118).

No âmbito da educação existe um enorme apreço pelos modismos, que tendem a apresentar o novo⁸ sempre como o mais adequado, o mais positivo e, principalmente, como aquele que rompe com a escola tradicional, conservadora, que não é transformadora⁹. No entanto, existe uma enorme imprecisão acerca dos conceitos sobre os quais as novidades são apresentadas, como também são imprecisas as críticas feitas, por essas teorias, sobre qual é o modelo tradicional que desejam repudiar.

Gramsci já alertava a esse respeito¹⁰: “escola criadora¹¹ não significa escola de “inventores e descobridores”; indica-se uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” pré-determinado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo” (C.C.2: 40).

Referências

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 1; edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira – 3ª edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 1; edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira –

⁸ Ao contrário do que estamos assinalando, Gramsci deixava muito claro o significado, para ele, de “novo”: “nova” ordem, “nova” sociedade, ou seja, o socialismo.

⁹ Conforme explica SILVA (2005), no discurso atual “a transformação, entendida como participação e ampliação na distribuição de valores (socialmente gerados e desejados) não é incompatível com o ponto de vista individualista e, mesmo, com o neoliberalismo” (id., p.47).

¹⁰ Gramsci criticava a escola tradicional, especialmente por seu caráter seletivo e excludente: eram destinadas à elite, deixando a massa de fora. No entanto, na sua escola única, a cultura geral, humanista, desinteressada, se equilibra com o trabalho como princípio educativo.

¹¹ Manacorda (1990) mostra que Gramsci declarava “superados” tanto o dogmatismo jesuítico como o espontaneísmo roussoniano, bem como fazia uma crítica à escola ativa de Dalton.

3ª edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. Cadernos do cárcere, volume 2; edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luis Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira - 3ª edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MANACORDA, Mario A. O princípio educativo em Gramsci. Tradução: William Lagos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NOSELLA, Paolo. A Escola de Gramsci. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2004.

SILVA, Tânia Mara Tavares. Título professor reflexivo e uma nova (?) cultura da docência: uma análise a partir dos anos 90. Campinas, Unicamp. Tese de Doutorado. 2005.